



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEFEIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Novembro

Na fórma dos meses anteriores, realizou-se tambem no passado dia treze de Novembro, na Cova da Iria, a costumada commemoração mensal religiosa dos acontecimentos maravilhosos da Fátima. O ceu conservou-se sempre limpo de nuvens e o sol dardejou sem cessar os seus raios vivissimos que distribuiam prodigamente por toda a natureza luz e calor.

Ao meio dia e meia hora, pouco mais ou menos, principiou a missa que foi celebrada pelo rev. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Prior de Santa Catharina da Serra. Durante a missa rezou-se o terço, entoando-se alguns canticos piedosos por occasião da communhão. Receberam devotamente o Pão dos Anjos algumas dezenas de pessoas. Depois da missa o Rev. Dr. Manoel Marques dos Santos, professor no Seminario de Leiria e director da «Voz da Fátima», a convite do rev. parochio subio ao pulpito e proferiu, de improviso, uma tocante allocução, em que discorreu sobre a necessidade da penitencia para obter a salvação eterna, frisando que por penitencia se devia entender sobretudo o arrependimento dos peccados, a confissão sacramental e a conformidade com a vontade de Deus em todas as tribulações da vida. Fôram distribuidos muitos exemplares do segundo numero da «Voz da Fátima», que do mesmo modo que o primeiro numero, despertou, como era natural, o maior interesse. Estavam presentes cerca de mil pessoas, vindas na sua grande maioria, das povoações vizinhas. O concurso de fieis ao local das aparições neste dia foi muito diminuto, se o compararmos com o dos outros meses, por motivos bastante obvios: a commemoração do mês precedente que attrahiu innumeras pessoas que não poderiam voltar com facilidade logo no mês immediato, a circumstancia de não passar o anniversario de nenhuma aparição, a grande intensidade dos trabalhos agricolas nesta epocha, etc.



LUCIA DE JESUS, PROTAGONISTA DAS APARIÇÕES

Durante os actos religiosos a multidão guardou o maior silencio e recolhimento, ouvindo-se apenas o murmurio cadenciado das orações recitadas em comum. Antes e depois da missa a multidão maravilhada rodeou o poço, de muitos metros de profundidade, ha pouco concluido, que a água limpida da nascente, rebrandando ultimamente com força, em seguida ás primeiras chuvas do Outono, encheu completamente, a ponto de trasbordar. A's quatro horas da tarde raros eram os devotos que ainda se encontravam junto da capella comemorativa das aparições, rezando as suas ultimas préces e fazendo as suas saudosas despedidas á gloriosa Rainha do Santo Rosario.

VISCONDE DE MONTELLO

«... Sr. Promotor da Fé

Em maio de 1917 correu um boato que três crianças — pastores de gado — estando recitando o terço em côro no sitio da Cova da Iria, freguezia de Fátima, lhes tinha aparecido uma senhora vestida de branco dizendo-lhes que não tivessem medo que era N. Senhora do Rosario; que viessem ali todos os mezes no dia 13 rezar o terço que lhes appareceria

sempre, e que no dia 13 de Outubro lhes diria um segredo. Esta voz correu logo pelos logarejos em redor mas ninguem podia acreditar, parecendo quasi impossivel que a Virgem baixasse dos céus á terra e viesse apparecer a três rudes crianças nas chãs ásperas e arenosas da Serra d'Aire. E' chegado o dia 13 de Junho e eu desejo por saber o que se passa encaminho-me para o local afim de me certificar do que há de verdade.

Eram 11 e $\frac{3}{4}$ quando chego á dita Cova e encontro ali na expectativa umas 12 pessoas. Dirijo-me a alguem e pergunto: Então onde estão essas crianças que vêem aqui N. Sr.ª? e uma voz me responde: espere que ainda não é tarde. Passados momentos eis, aí veem elas, acompanhadas dum pequeno grupo. Ajoelham-se junto da celebre azinheirinha e principiam a rezar o terço. Conto as pessoas e vejo que estão presentes umas 40. Terminada a ladainha a Lucia diz: «lá vem Ela» e manda ajoelhar. Principia interrogando e respondendo a alguem que os meus olhos não vêem nem os ouvidos ouvem. E' a segunda aparição e mais uma vez ali afirma perante o reduzido numero de espectadores—porque ainda se lhe não pôde chamar crentes—que Ela lhe está dizendo que vem ali todos os mezes e que a 13 de Outubro será a ultima vez e então dirá um segredo.

A Lucia volve o olhar através do espaço como que a acompanhar com a vista alguem que se eleva e como estasiada vai indicando o rumo que ela leva até se perder no Infinito. Eu como descrente quero negar mesmo até tudo que estou vendo mas contemplando a atmosphera vejo que tudo se encontra turbado. Parece que duas correntes de ar opostas se veem encontrar ali levantando uma nuvem de poeira. O tempo escurece e parece-me estar ouvindo um trovão subterraneo. Sinto que a temperatura é quasi sobrenatural e tenho medo de estar ali. Regresso a casa pensando em tal fenomeno e cogitando uma maneira de o intepretar. Minha mãe pergunta-me o que vi, ao que respondo que não sei, mas tenho a certeza

que, embora haja misterio, não vem a ser bom. Não quero crer e condeno em toda a parte tal aparição. No dia 13 de Junho ha muito mais concorrencia.

Dão-se os mesmos fenomenos que no mez passado. A fama alastra e agora o local é um dos grandes centros frequentados por pessôas de todas as classes.

Em 13 de Agosto aumenta o povo e quem contempla a Cova, que fórma uma bacia, dos pequenos montes ou outeiros que a cercam vê um espetaculo tocante.

De toda a parte chegam peregrinos entoando descantes sentindo-nos viver umas horas felizes. Já passa da hora e as crianças não aparecem; o povo espera impaciente quando corre uma voz por cima daquela massa de povo que o sr. administrador de Ourem as tinha levado. Ouvem-se protestos e quando vão começar a debandar ouve-se uma gritaria e uma onda de cabeças volve-se para o ceu afirmando cada um o que está vendo. Eu então olho para o ceu e vejo as nuvens mudando de côres e correndo em diversos sentidos.

O dia 13 de Setembro amanheceu sem uma nuvem no horizonte. Um sol abraçador nos faz procurar a sombra. A Lucia reza o terço á hora indicada. Segue-se a conversação com a dita Senhora e assim que diz: lá vai ela, o sol escurece a pontos de se vêr a lua e as estrelas que circundam o firmamento. O calôr diminue e uma aragem nos vem mimosear a frente. Então vêem-se lá muito em cima cortando os ares do Oriente para o Occidente uns corpos muito pequeninos brancos como a neve. Há quem afirme serem pombas mas vê-se perfeitamente que não são áves. Na encosta do lado do nascente estava o reverendo Padre sr. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, pároco de Santa Catarina da Serra, e eu como vejo que talvez esteja olhando sem ver nada, dirijo-me a ele e pergunto-lhe o que vê, respondendo-me que não vê nada. Indico-lhe uma direcção e imediatamente disse que já está vendo. Passado o fenomeno vou encontrar o mesmo senhor de joelhos pedindo o terço. Parece-me ser este o primeiro ministro da Igreja que rezou em comum naquele recinto bemdito.

O dia 13 de Outubro acorda como um dia de pesada invernã, embora a chuva cáia com lentidão. Durante toda a manhã chove sem cessar. Os caminhos e estradas vão repletos de gente que vindas de longes terras não faziam conta que chovesse em virtude de haver muitos mezes que nem uma pinga caía. Chegados ao local iam acendendo fogueiras até que se aproximasse a hora.

Ao logar da Chainça, que dista uma legoa, fôram ficar muitas pessôas entre elas dois senhores, um sr. Ferreira, de Leiria e outro de laopé das Caldas, que dizem ser padre e dr. No dia seguinte, como chovesse muito e não estando acostumados ao rigor do tempo, não podiam seguir viagem demais não tendo com que se resguardar da agua.

Não havia quem emprestasse guar-

das chuvas porque os que havia eram poucos para as precisões. Eu então peguei num inutilizado e dando-lhe um concerto serviu para um e ao outro emprestei o meu, indo sem ele, chegando tambem todo a escorrer.

Chega-se o momento da aparição e passa-se o que todo o mundo sabe. O sol gira em torno de si mesmo e todos que se encontravam molhados aparecem enxutos como fui eu um deles. Apareceu um sr. de Leiria a distribuir illustrações com os retratos das três crianças e de N. Senhora, encarregando-me dum maço apezar de me não conhecer.

Daí para o futuro encontra-se ali sempre um movimento de vai-vem de gente dominada pela fé: uns pedindo favores e outros agradecendo graças concedidas. Vem a gripe pneumonica que assolou o paiz e aí acorrem os crentes formando procissões nas suas terras, indo através das serras pedregulhentas e das charnecas desertas, altas horas da noite, debaixo dos maiores vendavais pedir a essa Virgem consoladora dos aflitos, protecção e misericordia. A fé vai aumentando e de toda a parte se ouvem afamar os milagres.

Eu, apesar de tudo continuava a descrever, seguindo a prudencia da Santa Igreja.

Havia 12 anos que eu padecia do estômago; vomitava tudo que comia. Consulto os melhores medicos com a esperanza de me curar por meio da medicina, mas debalde o faço... Estou desenganado mas restam-me ainda os hospitais de Lisboa como único recurso. Dirijo-me ao hospital de S. José, sou observado pelo sr. dr. Damas Mora, director do Banco do mesmo hospital. Como o meu estado fôsse pouco satisfatório o mesmo sr. mandou-me baixar ao hospital do Destêrro onde me operou a 18 de Dezembro de 1917 tendo como ajudantes (ainda que não me recorde bem) os srs. drs. Hermano Medeiros e Balbino do Rêgo. Devido ao muito frio constipei-me e, fôsse por isso ou por outra causa, no dia seguinte estava ardendo em febre e com uma pneumonia.

E' chamado o médico de serviço e, depois de me observar bem, diz que estou irremediavelmente perdido. Tenho os pulmões ambos atacados; a febre está sempre acima de 40 graus. Mandam-me aplicar ventosas umas após outras, mas era preciso tomar remédios que combatessem a febre e isso é impossivel porque no estomago não pôde entrar nada. A operação era das mais melindrosas e por conseguinte só podia esperar a morte. Estava quasi sempre variado mas, nos pequenos intervalos que tinha lucidez, pensava na minha situação e via que era critica. Vejo que môrro num hospital sem o conforto que os ministros duma religião levam ás almas nas negras e atribuladas horas; sem vêr á cabeceira do meu leito uma mãe, irmãos, irmãs, pessôas de familia e amigos que me animem e fortaleçam. Antes que baixe ao coval dum cemiterio quero ainda escrever a minha mãe dizendo-lhe que môrro, que

peça e mande pedir por mim, que ali não tenho quem o faça.

Esse pedido foi feito pelo reverendo pároco de Santa Catarina parece-me que em dia de Natal á missa das Almas. Do mundo não posso esperar nada e então vem-me á imaginação tudo que se passou nessa Cova bem dita, dessa Virgem que disse ser a Consoladora dos aflitos.

Bem sei que tenho de morrer mas é triste não ter a consolação de ver nesse momento cruciante e transe doloroso, em volta de meu leito, quem ore e dê conforto. Então animado com uma grande fé peço a Nossa Senhora do Rosario da Fátima que, se possivel fôsse eu ainda poder um dia ir á minha terra ver minha familia, faria uma festa em sua honra e mandaria prégar um sermão, indo ao local rezar um terço. No dia seguinte já não tinha febre e passados dois dias estava completamente curado dos pulmões. Aos medicos parecia um sonho, quando me julgavam morto aparecia-lhes curado. Foi a medicina? Não, porque não tomei remedios. Então uma pneumonia e febre a 40 graus cura-se em trez dias, e por acaso? Já escaparia alguem operado do estomago que fôsse atacado por uma pneumonia? Que responda quem souber.

Poderão dizer que melhorava da mesma fórma, mas como tenho a certeza que só escapei por meio dum grande milagre e da grande fé com que me apeguei com N. Senhora, hei-de dizer isto sempre e em toda a parte, custe o que custar. Essa promessa mandei encarregar o sr. prior de Santa Catarina de a cumprir assim como prégo o sermão em acção de graças na dita festa na pequena ermida da Chainça em Setembro de 1919. A Cova da Iria é para mim um cantinho do Céu a quem devo a vida... Desculpe V. o tempo que inutilmente lhe tomei. Sou um humilde católico que vejo na religião que professo o único pedestal onde o mundo se firma. S. de V. m.^{to} a.^{to} ven.^{or} e obg.^o.—Inacio António Marques, de 26 anos de idade, natural da Chainça, freguesia de Santa Catarina, filho de José Antonio Novo (falecido) e de Josefa Marques, residente em Lisboa, Rua dos Herois de Kionga, 43.

Aos 23 de Novembro de 1922.

Inacio Antonio Marques

empregado nos Correios

Informações uteis

As pessôas que quizerem ir a Fátima utilizando a locomoção ferroviaria, pôdem tomar bilhete para as estações de Leiria, Torres Novas ou Chão de Maçãs, devendo partir na vespera do dia em que desejem fazer a visita ao local das aparições. Em todas as três estações de caminho de ferro ha carros de carreira, respectivamente para Leiria, Torres Novas e Vila Nova d'Ourem, mas apenas na de Leiria se encontram sempre logares disponiveis em grande numero. Tambem só naquella cidade existem hotéis com todo o conforto moderno, como o Hotel Liz, o Hotel Central e o Hotel Marques, havendo

ainda muitas casas particulares que recebem hospedes. Uma comissão permanente presidida pelo ex.^{mo} Comendador João Cortez da Silva Curado, encarrega-se obsequiosamente de fornecer esclarecimentos e prestar auxilio aos peregrinos afim de conseguirem alojamentos e transportes sem correrem o risco de ser victimas de odiosas especulações.

Os reverendos dr. Manuel Marques dos Santos, no Seminario, e dr. Sebastião Brites, na Sé, darão aos peregrinos as indicações que lhes sollicitarem.

Em Torres Novas e em Vila Nova de Ourem tambem se pôdem obter, com relativa facilidade, meios de transporte para Fátima. Lembra-nos, entre outras, as alquilarias de Espada e de Francisco Fernandes em Villa Nova d'Ourem e dos irmãos Izidros em Torres Novas. Em 13 de Maio e em 13 de Outubro costuma haver, todos os annos, carreiras de *camions* de Torres Novas e de Leiria.

De Torres Novas o preço de cada lugar tem sido, até hoje, de dez escudos o maximo, ida e volta, sendo necessario reservar logares com algumas semanas de antecedencia.

Os outros meios de transporte para esses dias tem igualmente de ser alugados muito tempo antes. De Torres Novas para a Fátima um trem para quatro ou cinco pessoas, ida e volta no mesmo dia, não custa menos de sessenta escudos. Em occasiões de pouca concorrencia obteem-se alojamentos em Torres Novas no Hotel Madeira e em Villa Nova d'Ourem no Hotel Espada e na Hospedaria Central de Maria Joanna e irmã.

Alguns peregrinos do norte do paiz tem alugado carros em Thomar, onde as alquilarias são numerosas e estão bem providos de material e de gado, para os irem esperar á estação de Chão de Maças á chegada do comboio da madrugada do dia 13 e conduzirem-nos á mesma estação a fim de tomarem o comboio da noite. Em Fátima só com difficuldades e por favor se conseguirá hospedagem em casas particulares, de bons camponeses, que não pôdem proporcionar commodidades de especie alguma aos seus hospedes.

A distancia da estação á villa de Torres Novas é de 7 kilometros, da villa á Fátima cinco leguas atravez da serra e oito leguas por Villa Nova d'Ourem, de Chão de Maças a Villa Nova d'Ourem doze kilometros, de Villa Nova d'Ourem á Fátima doze kilometros e finalmente de Leiria á Fátima quatro leguas.

Para se cumprir

Rev.^{mo} Sr.

Chegou ao meu conhecimento que no dia 13 do corrente se lançaram foguetes na Cova d'Iria e até havia vinho para vender no mesmo local!

Se permiti o culto naquelle logar, foi como manifestação d'amor e reparação a Nossa Senhora, cujo auxilio precisamos de rogar, fazendo penitencia pelas nossas proprias fal-

tas, pelas do nosso querido Portugal e de todo o mundo.

Aquelle logar é d'oração e penitencia. Mais nada.

Em vista do que, determino o seguinte:

1.º Não é permitido o uso de foguetes na Cova d'Iria. No caso de algum devoto ter feito a promessa de os lançar, auctoriso V. Rev.^{cia} ou outro sacerdote, no exercicio das suas ordens, a commuta-la, revertendo a esmola a favor do culto a Nossa Senhora.

2.º Não é permitida a venda de vinho ou outras bebidas alcoolicas naquelle logar. O abuso do vinho é infelizmente causa de muitas profanações e muitas desordens. Não posso permitir que o culto a Nossa Senhora seja occasião de pecados.

Encarrego V. Rev.^{cia}, como Parocho d'essa freguezia, de zelar pelo cumprimento exacto d'estas determinações, e, no caso de não ser obedecido, o que não espero, prohibo a celebração da Santa Missa naquelle logar, sob pena de suspensão ao Presbytero que ousar faze-lo.

V. Rev.^{cia} lerá este officio na igreja parochial, de forma que d'elle o povo tome boa noticia para ser cumprida.

Deus Guarde a V. Rev.^{cia}

Leiria, 18 de novembro de 1922.

Rev.^{mo} Sr.
Parocho da Fátima

† JOSÉ, Bispo de Leiria

A Eucaristia e o Natal

Vae-se afinal comprehendendo que não ha verdadeira vida christã sem a Eucaristia.

Impossivel a piedade sem a Comunhão frequente. Assim o vão entendendo as almas que por toda a parte desabrocham em ancias d'uma vida espiritual intensa.

Uma grande seára loura, apta para a ceifa, esperando apenas operarios se ostenta no grande campo da Igreja.

Nesta tudo gira em volta da Santa Eucaristia, que é o eixo ou o centró deste radioso systema solar das almas.

Como Jesus mesmo diz no Santo Evangelho, não nos deixou orfãos subindo ao Céu no dia da Ascensão. Ficou realmente presente na Santa Eucaristia.

Quando passa nas nossas procissões é Elle o mesmo que passava pelas ruas das cidades e pelos caminhos das aldeias da Palestina, nada tendo perdido o seu coração do Amor e compaixão por todos.

Nos tronos das nossas igrejas é Elle que dá audiencia ás suas creaturas. Nos nossos sacrarios é Elle que as espera, desiludidas e batidas das ventanias da vida e do pecado. No altar é Elle que se immola medianeiro entre a justiça de Deus e as nossas iniquidades.

Na Santa Comunhão é Elle que se dá a nós para que vivamos a Sua Vi-

da, ficando Elle a sentir, operar e viver por nós.

Até agora nada perdeu, pois, de Seu Amor.

E' por nós, que agora vivemos, que Elle está ainda na Santa Eucaristia onde já não estaria se a tivesse instituido só para outros tempos ou outras pessoas.

E' certo que todos nós acreditamos na sua presença e no seu Amór na Santa Eucaristia, mas o que é tambem verdade, é que procedemos, até os melhores, como se Elle ali não estivesse.

Não temos, ordinariamente, para com Elle nem mesmo as delicadesas que as pessoas bem educadas costumam ter para com todos.

Um extranho e desconhecido para muitos, que somos capazes de passar junto d'uma igreja onde está e nem sequer pensamos nelle.

Quão longe estamos, pois, d'aquelle espirito de verdadeira fé e amor que nos devia animar.

Santa Margarida Maria, por exemplo, dizia: «Tenho um desejo tão grande da Sagrada Comunhão que se fôsse necessario andar descalça por um caminho de brazas, parece-me que nada me custaria em comparação do que sofreria com a privação d'este bem. Não ha coisa nenhuma que me possa dar alegria sensível senão este pão de amor; e depois de o receber fico como que aniquilada deante do meu Deus, mas com alegria tão grande que, algumas vezes, durante a acção de graças, todo o meu interior está num silencio e respeito profundo, para ouvir a voz d'aquelle que é todo o contentamento da minha alma.

Nas vespas da Comunhão sentia-me abismada num tão profundo silencio que não podia falar senão á força, pela grandeza da acção que ia fazer, e depois de a ter feito a minha vontade era não beber, nem comer, nem ver, nem falar, tanta consolação e paz eu sentia. Escondia-me então quanto podia, para aprender a amar o meu soberano bem, que tanto me apertava para que lhe tornasse amor por amor.»

Para N. Senhor na Eucaristia devem convergir, portanto, todas as devoções.

Na Fátima, como em Lourdes, é Elle que deve ser o objecto principal das nossas atenções e do nosso culto!

Graças a Deus já ha na nossa Diocese de Leiria freguesias onde as Comunhões ascendem a cêrca de sessenta mil por anno, o que dá uma média de mais de mil por semana.

Ao R. Pároco de uma freguesia das mais pequenas da Diocese temos ás vezes perguntado: Quantas Comunhões teve hoje? Poucas, responde elle, só 49!

Comecemos, pois neste mês, uma vida mais intensamente Eucaristica e assim festejariamos condignadamente o Natal. Na Santa Comunhão teremos a felicidade de estreitar no nosso peito Jesus Menino realmente presente como outrora nos braços de sua Santissima Mãe.

A presença real de Jesus na SS. Eucharistia confirmada pela Historia

O menino Jesus na Hostia

Em 1903, os padres Redemptoristas d'Astorga foram dar uma missão na parochia de S. Martinho de Monzaneda, arcebispado de Trives. Havia poucas esperanças de resultado, e o desanimo chegou a apoderar-se dos Padres missionarios. Com o fim de conseguir uma grande assistencia de fieis, annunciaram, para a tarde do dia 20 d'abril, uma illuminação extraordinaria, na ocasião do exercicio chamado de reparação. Foi então que N. Senhor se dignou mostrar um raio de sua infinita bondade.

Durante a exposição solemne do SS. Sacramento, dez fieis que assistiam, d'entre elles o parochio, rapazes e raparigas, de 6 a 19 annos, viram que a Santa Hostia se converteu e transformou n'um formoso menino de um ou dois annos, vestido d'uma tunica branca. Um d'elles notou que o menino tinha as mãos erguidas sobre o peito e o rosto resplandecente de raios mais vivos do que a luz de cem velas, que compunham a illuminação; sete viram-no com physionomia sorridente, os braços estendidos, a face e as mãos tão brancas que o compararam com a cor do papel que tirham deante de si para prestar declarações no decurso da informação; um só viu o corpo do menino, vestido tambem de tunica branca, sem poder chegar a ver os braços e a face, apesar da attenção com que olhava. O parochio, que estava de capa, ajoelhado no degrau do altar, contemplou-o durante 20 minutos, vendo os pés e as mãos do menino com buracos e seu coração descoberto apresentava uma abertura notavel, d'onde lhe parecia ver sair grossas gottas de sangue. Uma mulher de 43 annos, 8 dias depois, assegurava ter visto na custodia, durante meia hora, quando os Padres estavam a collocar a cruz que costumam deixar nas aldeias como recordação da Missão, um menino muito formoso, vestido de tunica branca com grandes flores de côr encarnada; é a undecima pessoa que disse ter sido favorecida pela visão.

Estas informações encontram-se n'uma carta do dr. T. del Barrio, publicada na *Lampara del Sanctuario*, d'agosto de 1903

O auctor d'esta carta foi o encarregado pelo arcebispo da diocese para colher as declarações sobre este facto, debaixo de juramento, e pôde observar a simplicidade e sinceridade das pessoas favorecidas com a vista do prodigio. Duas testemunhas, sendo uma o juiz municipal, ambas escolhidas pelo povo para attestar e assignar as sobreditas declarações, asseveraram sob juramento que as condições Moraes de todos e de cada um dos que deposeram, assim como a circumstancia de terem presenciado simultaneamente o prodigio, retirando-se para suas casas por caminhos differentes e para aldeias differentes; a alegria e segurança com que elles declaravam o que affirmaram ter visto, sem a me-

nor contradicção, não obstante as perguntas que lhes eram feitas,—tudo isto prova d'um modo claro e evidente a certeza do que declaravam. Demais o fructo d'essa missão foi abundantissimo como nunca, o que está a mostrar a realidade do facto narrado que aliás era a crença immemoravel dos habitantes d'aquella parochia.

O sacerdote

... Sublime, mas temivel situação a do sacerdote, vivendo no meio do mundo e não sendo d'este mundo!... — Extranho aos negocios do seculo, ao qual com tudo mil laços o ligam... — Obrigado a vêr em cada familia a sua propria, sem pertencer a nenhuma... Devendo-se a todos, sem direito de se recusar a ninguém... — Chamado a curar nos outros as chagas que elle deve ignorar em si mesmo... — Não pedindo a seus semelhantes senão que lhe façam conhecer os seus sofrimentos, para lhes deixar os seus prazeres... — Sempre prompto a abrir ao desgraçado um coração que elle tem de ter fechado ás paixões... — Prompto a ir onde o seu ministerio o chama, feliz da solidão que a sua vocação lhe creou... — Indo dos homens a Deus para lhe oferecer as suas orações e de Deus para o homem para lhe anunciar o perdão... — Conservando-se assim entre o tempo e a eternidade, o pé sobre a terra onde cumpre a sua missão, a face voltada para o ceu d'onde lhe veem a luz e a força!...

Como esta vocação do padre é sublime! Como ella é temivel para a fraqueza humana e quanto é digno da nossa sympathia e dos nossos respeitoos aqúelle, que fiel ao chamamento de Deus a aceita com humildade! O sacerdote é o homem cujo coração comprehendeu o Coração de Jesus e que, a seu exemplo, se sacrifica pela salvação dos homens... E, em vista d'isto quem lhe paga a divida de reconhecimento a que tem tantos direitos?

Porque elle nada pede, será isso razão para esquecer esse servo de Deus que, elle tambem, pode ter os seus sofrimentos, suas fraquezas, suas tentações e suas tristezas?... As cruces da sua vida são o dobro das dos outros!... Não acordemos a colera divina esquecendo os seus Christos. — Tenhamos deante de Deus o merito e a gloria de ter ajudado esses paes das nossas almas nos seus trabalhos e nas suas provas, de os ter assistido nas suas necessidades, afim de que a nossa ingratição e as nossas friezas os não forcem a abandonar a nossa porta, *sacudindo o pó de seus pés*.

O nosso jornal é distribuido gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Fátima.

Quem enviar a esta redacção a quantia de dez mil réis terá direito a ser-lhe enviada *A Voz da Fátima* pelo correio durante um ano.

Voz da Fátima

Despezas

| | |
|--|---------|
| Transporte do n.º anterior | 263:900 |
| Composição, impressão e papel de 2:000 exemplares do n.º 2 | 100:000 |
| Outras despezas | 69:970 |
| Soma | 424:870 |

Subscrição

| | |
|--|-----------|
| Transporte | 931:900 |
| D. Maria da Nazareth d'Almeida e Silva | 10:000 |
| D. Maria da Conceição Ribeiro | 10:000 |
| D. Leonor Manuel (Atalaya) | 10:000 |
| Antonio I. Vicente | 2:500 |
| José Bernardo | 10:000 |
| Dr. J. Gago da Camara | 10:000 |
| D. Maria José Tinoco Borges | 10:000 |
| D. Maria Teresa Moura Pinheiro | 10:000 |
| P.º A. Santos Alves | 10:000 |
| P.º Raphael Jacinto | 10:000 |
| D. Carolina da Silva Correia de Lacerda Mendes Mimoso | 10:000 |
| D. Estephania Maria da Silva Correia de Lacerda Mendes | 10:000 |
| Dr. Jose Catarino da Silva Garcez | 10:000 |
| Conego Francisco Maria Felix | 10:000 |
| D. Matilde Guerra Sampaio | 10:000 |
| D. Maria Julia Sampaio Caldas Frazão | 10:000 |
| Dr. José Alexandre Caldas Frazão | 10:000 |
| D. Maria da Piedade Paiva | 10:000 |
| D. Luiza Stadlin | 10:000 |
| D. Maria Salomé Dias Ermida | 10:000 |
| D. Maria do Ceu Ignacio B. Morgado (mensal) | 5:000 |
| Esmolas colhidas no dia 13 | 23:000 |
| Conego F. A. Sequeira | 12:000 |
| Anonimo | 6:000 |
| P.º Miguel Jorge | 10:000 |
| P.º Francisco Pereira | 15:000 |
| João dos Santos Pereira | 20:000 |
| Monsenhor A. M. dos Santos Portugal | 10:000 |
| Dr. Gonçalo d'A. Garreth | 10:000 |
| D. Maria das Dores Tavares de Souza | 10:000 |
| Julio de Moraes | 10:000 |
| D. Elvira Pereira da Silva | 2:500 |
| Ignacio Antonio Marques | 5:000 |
| P.º João Lopes Gomes | 10:000 |
| Francisco Telles d'Andrade Ratto | 10:000 |
| Leonardo Reis Baião | 2:500 |
| D. Maria Rosa Cunhal | 10:000 |
| Antonio Marques Girão | 10:000 |
| A. Rodrigues Pintasilgo | 10:000 |
| Julio Gonçalves Ramos | 10:000 |
| Joaquim Dias Aroso | 10:000 |
| Manuel T. de Carvalho | 10:000 |
| D. Clotilde Raposo de Sousa d'Alte. | 10:000 |
| D. Maria Veiga d'Araujo | 10:000 |
| D. Maria do Carmo Raposo de Sousa d'Alte. | 10:000 |
| D. Maria Carlota de Mattos Mancellos d'Aragão | 10:000 |
| P.º Augusto da Silva | 10:000 |
| D. Celeste Maria de Souza | 10:000 |
| Soma | 1.405:400 |